

COMENTÁRIO BÍBLICO

6º Domingo depois da Páscoa – Ano A

24maio2020

Atos 1,6-14; Salmo 68,2-11; 1 Pedro 4,12-14.5,6-11

S. João 17,1-11

¹Depois de ter falado desta maneira, Jesus levantou os olhos para o céu e disse: «Pai, chegou a minha hora. Mostra a glória do teu Filho, para que ele mostre também a tua. ²Tu entregaste ao teu Filho autoridade sobre toda a Humanidade, para conceder a vida eterna a todos os que lhe confiaste. ³E a vida eterna consiste em conhecerem-te como único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste.

⁴Manifestei neste mundo a tua glória, pois cumpri a missão de que me encarregaste. ⁵Dá-me, pois, ó Pai, a glória que eu tinha junto de ti, antes de o mundo ser mundo. ⁶Dei-te a conhecer àqueles que me confiaste, tirando-os do mundo. Eles eram teus, mas tu entregaste-mos e eles guardaram a tua palavra. ⁷Agora sabem que tudo quanto eu tenho é de ti que vem. ⁸Confie-lhes as palavras que tu me deste e eles aceitaram-nas. Compreenderam verdadeiramente que eu vim de ti e creram que tu me enviaste. ⁹Peço-te por eles; não pelos que são do mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus. ¹⁰Tudo o que é meu é teu e tudo o que é teu é meu. E a minha glória vai aparecer neles. ¹¹Eu deixo o mundo e vou para junto de ti, mas eles ainda ficam no mundo. Pai santo, protege-os pelo poder do teu nome, para que eles sejam um, como tu e eu somos um.

1. Eis o início da profunda oração com que termina a última ceia de Jesus com os discípulos. É a grande prece de oblação e de intercessão de Jesus, na hora do seu sacrifício (“*chegou a minha hora*”). Um longo discurso (o capítulo 17 do Evangelho de S. João) no qual Jesus se dirige ao Pai, pedindo por si, pelos discípulos e por nós, e revela o Seu coração. É de difícil leitura: um pensamento aparece e desaparece, um outro surge e longo se desvanece, para reaparecer o anterior, como as ondas do mar no contínuo vai vem. Há, contudo, uma linha condutora, um fio que liga todas as contas do colar: a identidade do espírito e do coração de Jesus com o Deus vivo. A sua leitura exige abertura de coração para que o Espírito Santo nos lidere e nos “mostre” o que quer dizer-nos.

2. Conheci um homem que acreditava em Deus, mas não em Jesus Cristo, como Seu Filho. E procurou fundamentar a sua posição com uma lógica racional, considerando que a necessidade humana tem de ter alguém (Deus) a quem possa ‘reclamar’ desejos e sonhos e ‘esconjuram’ insucessos, falhas e inclinações malévolas. Não é fácil contestar esta posição através da evidência. Tão só, através da fé, como ato livre. Porém, sendo a fé uma aceitação livre daquilo em que cremos pode levar-nos a alguma insegurança. Na vida da fé existem naturalmente dúvidas e obscuridades que, enfrentadas em oração e leitura da Palavra de Deus, com humildade e sinceridade, podem transformar-se em provas de existência da pessoa crente em Jesus e em Deus.

Na verdade, o grande intento do evangelho de João é o de advertir, repetir e insistir na ideia capital da presença de Deus em Jesus Cristo. O que dizia e fazia Jesus é o que Deus faz e diz; em Jesus vemos e ouvimos a Deus; em Jesus sentimos o que Deus quer e espera de nós. Como no Evangelho de hoje: *“Agora sabem que tudo quanto eu tenho é de ti que vem. Confiei-lhes as palavras que tu me deste e eles aceitaram-nas. Compreenderam verdadeiramente que eu vim de ti e creram que tu me enviaste”* (v^{os}. 7 e 8). São palavras de afirmação do Filho perante o Pai, a propósito do que fez com os seus discípulos em Seu nome e pedir por eles.

3. E fala em *glória* – a do Pai e a do Filho. Geralmente quando se fala em glória tem-se em mente palavras como esplendor, notabilidade, fama, grandiosidade. Mas, a glória a que Jesus se refere é de outra natureza: *“Manifestei neste mundo a tua glória, pois cumpri a missão de que me encarregaste”*.

Que glória é essa que Jesus mostrou? A de ter aceitado a condição de Filho de Deus e de obedecer-lhe até à morte, como diz o hino em Filipenses 2, 6-11: *“Ele, que por natureza era Deus, não quis agarrar-se a esse direito de ser igual a Deus. Pelo contrário, privou-se do que era seu e tomou a condição de escravo, tornando-se igual aos homens. E, vivendo como homem, humilhou-se a si mesmo, obedecendo até à morte, e morte na cruz”*. A glória de Deus em Jesus, não é a da grandiosidade ou esplendor, mas, a da aceitação dócil da vontade do Pai em humildade, obediência e morte. E Deus O agraciou e glorificou ao ressuscitá-LO no esplendor da Sua transfiguração: *“Por isso, Deus elevou Jesus acima de tudo e lhe deu o Nome que está acima de todo o nome; (...) para que todos proclamem, para glória de Deus Pai: Jesus Cristo é o Senhor!”*. Na verdade, *“a glória de Deus excede todas as medidas. É terrível e é fonte de alegria”* (Romano Guardini, 1964). O Apóstolo Paulo diz-nos que os gentios (os não judeus) chamavam a este modo de pensar: loucura (I Coríntios 1,23). Hoje, e por maioria de razão, perante os avanços científicos nas diversas áreas da atividade humana, os não crentes têm muita dificuldade em *“aderir”* a um tal esquema de pensamento. Compreende-se, pois, as palavras de Jesus naquela oração explicam com clareza que *“Eles (os discípulos) não são do mundo, como eu não sou do mundo”* (S. João 17, 14). Então, aquela ordem de pensamento também não é do mundo, pertence ao *“mistério inefável da graça e do amor divino”*. Como explica S. Paulo: *“Na verdade, aquilo que nas obras de Deus parece loucura tem muito mais sabedoria do que toda a sabedoria humana e aquilo que parece fraqueza tem muito mais força do que toda a força humana”* – (I Coríntios, 1, 25).

4. A leitura em lugar do Antigo Testamento – Atos 1,6-14 – narra a Ascensão de Jesus ao Céu. Começando por aqui, importa que tenhamos presente que na Bíblia o *“Céu”* não é nem espaço infinito nem limite do que é terreno. Já Salomão, na oração de dedicação do Templo de Jerusalém, dizia, dirigindo-se a Deus: *“os céus e os céus dos céus não te podem conter”* (I Reis 8, 27). E Paulo escreve a Timóteo referindo um hino litúrgico, expressão da fé da Igreja Primitiva, que considera Deus como aquele que *“habita uma luz inacessível”* a toda a criatura (I Timóteo 6,16). Podemos, portanto, dizer que Jesus ascendeu ao céu, não a um lugar, mas à intimidade de Deus.

Ainda, convém que os 40 dias que vão da Páscoa à Ascensão (Atos 1,3) não sejam entendidos como um espaço temporal. Nas Sagradas Escrituras, é frequente o uso da expressão *‘40 dias’* para significar períodos de preparação, expectativa e mudança. Temos, assim, por exemplo: Deus fez chover 40 dias e 40 noites nos tempos de Noé (Gênesis 7,4); Moisés passou 40 dias de jejum no Monte Sinai, a sós com Deus (Êxodo 24,18); o povo de Israel passou 40 anos em

peregrinação pelo deserto rumo à Terra Prometida (Números 14,33); Jesus jejuou durante 40 dias no deserto (S. Mateus 4, 1-2). E, até, há especialistas de exegese bíblica que consideram que a Ressurreição e a Ascensão de Jesus não são senão duas formas de dizer a mesma coisa, fundamentados em Romanos 1, 4 onde se lê que Jesus foi “*constituído Filho de Deus*” pela ressurreição. Explicam, então, que a celebração das duas festas separada por 40 dias se deve ao facto de o número 40 indicar, em tempos idos, a ideia de ‘plenitude’ ou ‘totalidade’ (José M. Castilho, 2016). Nesse sentido, a Festa da Ascensão do Senhor deve levar-nos a recordar a plena e total glorificação com que o Pai exaltou a Jesus. O simples e humilde Jesus, o homem tão humano e carinhoso, que mostrou a vontade do Pai e, assim, possibilitou à nossa humanidade ascender a um estado de vida luminoso e bom, o do “Deus connosco”.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana